

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

GABRIELA GONÇALVES DE SOUZA RABELO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA

VARGINHA/MG

2019

GABRIELA GONÇALVES DE SOUZA RABELO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA

Trabalho de conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas – Campus Varginha.

Orientadora: Santiane Arias.

VARGINHA/MG

2019

GABRIELA GONÇALVES DE SOUZA RABELO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA

A Banca examinadora abaixo assinada aprova o trabalho apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas.

Aprovado em:

Professora Vanessa Dias Tavares

Instituição: Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - UNIFAL-MG

Assinatura:

Professor José Francisco Lopes Xarão

Instituição: Instituto de Ciências Humanas e Letras - UNIFAL-MG

Assinatura:

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo indicar a diferença entre dois objetos teóricos, a saber, a epistemologia e a metodologia. Verificamos que no interior dessa diferença existe, porém, uma relação que tem por natureza uma primazia da epistemologia sobre a metodologia, a qual nos aponta a importância do debate para suscitar a especificação teórica das preliminares necessárias de qualquer pesquisa científica a ser realizada. Adicionalmente, o trabalho indica alguns elementos sobre o estatuto teórico desse tema no interior do marxismo. Por fim, tendo em vista que a tarefa científica é sempre inacabada, apontamos possíveis problemas inerentes à epistemologia e à metodologia, especialmente no interior do marxismo, que ainda estão a espera de serem enfrentados de forma mais desenvolvida.

Palavras chaves: Epistemologia. Metodologia. Marxismo.

ABSTRACT

The present work aims to indicate the difference between two theoretical objects, namely epistemology and methodology. We verified that within this difference there is, however, a relation that has by its nature a primacy of epistemology over methodology, which points out to us the importance of the debate to elicit the theoretical specification of the necessary preliminaries of any scientific research to be carried out. In addition, the work indicates some elements about the theoretical status of this theme within Marxism. Finally, given that the scientific task is always unfinished, we point to possible problems inherent in epistemology and methodology, especially within Marxism, which are still waiting to be dealt with in a more developed way.

Keywords: Epistemology. Methodology. Marxism.

1 - Introdução

Pouco tem se discutido, atualmente, sobre a distinção terminológica entre epistemologia e metodologia, bem como sobre o próprio conceito de epistemologia, expressão pouco utilizada no campo das Ciências Sociais. Similarmente, esse tema tem sido pouco debatido no próprio marxismo, que, como se sabe, reivindica a condição de ser uma “teoria científica”.

Mas como pode se pensar no desenvolvimento da ciência – qualquer que seja a concepção que se tenha dela – sem discutir satisfatoriamente essa questão que pode ser considerada como condição prévia para qualquer pesquisa minimamente aceitável? O risco mais imediato é do pesquisador se confundir no caminho que deva escolher: se considerar que a pesquisa envolve apenas a adoção de um *método* adequado ao seu objeto, poderá estar negligenciando o amplo espectro de problemas colocados para a sua análise e compreensão. Isso porque a própria escolha do *método* pode sugerir perguntas que vai muito além da mera adequação entre meio e fim. Ou seja, a adoção de um método pode estar submetida a questões e indagações mais amplas e profundas que o pesquisador deve conhecer para poder realizar o seu trabalho. Mais precisamente, questões da epistemologia.

Por isso, nosso objetivo com esse trabalho é tentar realizar uma primeira aproximação sobre a relação entre epistemologia e metodologia. Uma aproximação introdutória diante da complexidade e da dificuldade da matéria, que, a rigor, atravessa toda a história do pensamento humano desde sua origem – como mostram, apenas como indicação parcial, os trabalhos de filósofos como Platão e Aristóteles. Atravessando um grande conjunto de grandes pensadores até chegar na obra do filósofo e físico francês Gaston Bachelard (1884-1962), uma das principais referências atuais no campo da epistemologia.

Bachelard se dedicou, mais especificamente, à análise do processo de construção do objeto científico, visando dar justamente um *significado epistemológico* para uma ciência até então embrionária. Rompendo com as ciências empiristas e continuistas anteriores, ele propõe o racionalismo aplicado, em obras como *A filosofia do não*

(1940), *O racionalismo aplicado* (1949), *O novo espírito científico* (1934), *A formação do espírito científico* (1938), *A poética do espaço* (1957), etc.

A nossa referência nesse trabalho é também a obra de um outro filósofo francês que procurou analisar a contribuição do primeiro a partir de uma perspectiva teórica diferente: o marxismo. Assim, a epistemologia também foi o objeto de estudo de Dominique Lecourt. Atualmente, ele é professor da Université Paris Diderot-Paris 7 e diretor do Centre Georges Camguilhem (Paris 7), tendo também publicações sobre temas como a clonagem, a bioética, a ética e a política. Lecourt também fazia parte do grupos de estudantes que discutia com Louis Althusser, além de Jacques Ranciere, Etienne Balibar, etc. Infelizmente esse importante autor é praticamente desconhecido no Brasil, sendo que apenas duas obras dele foram aqui publicadas: *Humano pós-humano – a técnica e a vida*; e a outra em parceria com Axel Kahn, *Bioética e liberdade e Filosofia da ciência*. Ou seja, as suas obras iniciais dos anos sessenta e setenta ainda continuam desconhecidas, e é nelas que vamos encontrar os seus esforços iniciais envolvendo a tentativa de compatibilizar a obra de Bachelard com o marxismo. Nesse sentido, essa primeira aproximação também poderia contribuir para que o leitor tenha um conhecimento inicial desse autor nessa fase específica de sua longa pesquisa.

A exposição está dividida em quatro partes: na primeira, elencamos alguns elementos sobre o contexto político e intelectual francês no período de intenso debate sobre a ciência, a epistemologia e o marxismo; na segunda, recuperaremos formulações relacionadas à epistemologia em autores como Bachelard, Lecourt e outros, tentando ressaltar pontos em comum; na terceira, abordaremos brevemente alguns pontos sobre a metodologia; e, na quarta, esboçaremos uma conclusão inicial sobre a relação entre elas tendo em vista pesquisas futuras.

2 – A França na década de 1960

Será substancialmente pelo mérito da “prática teórica” de Althusser e de seus adeptos que se chegará a um efetivo encontro da filosofia marxista com a questão da natureza do conhecimento científico.” (KALLSCHEUER, 1989:50)

Então, na França, foi apenas nos anos 60 que houve “um encontro de marxismo e filosofia teórica”, como destaca Otto Kallscheuer (1989). O que não havia acontecido antes por conta, entre outros fatores, de causas específicas presentes no movimento operário francês. Althusser ressaltava, principalmente, a “ausência tenaz, profunda, de uma real cultura teórica”, gerando um “antiintelectualismo do comunismo francês”. Sem esquecer da barreira que havia entre os intelectuais franceses e a União Soviética.

Falando esquematicamente, esta constante se pode explicar com o fato de que, quanto à sua cultura teórica, o movimento comunista francês herdou mais os defeitos que as virtudes do anarco-sindicalismo, do socialismo reformista e do bolchevismo: evolucionismo, determinismo econômico, obreirismo e antiintelectualismo (*Idem*, 1989:51).

Kallscheuer enfatiza ainda que, esse marxismo do partido francês, sustentado politicamente pela União Soviética, e teoricamente pelo materialismo das ciências naturais, “não era culturalmente capaz de sobreviver à guerra fria” (p.52). Nesse sentido, foi a identidade nacional que possibilitou ao comunismo francês “superar o estreito horizonte da ideologia proletária e dos interesses da União Soviética, nos anos da Frente Popular e, após a Libertação, naquela que foi definida a “idade de ouro” da relação entre intelectuais e o partido comunista francês, o período da “união nacional” (1944-47).” (*Idem*, 1989:51).

Buscando uma “filosofia concreta”, alguns filósofos engajados procuraram romper radicalmente com a geração da filosofia anterior à guerra pré-bélica, fundamentada no positivismo de Durkheim e no racionalismo neokantiano de Leon Brunschvicg. Nessa filosofia, buscava-se a “verdade do ser não no ser conhecido- e sim no “sentido” produzido pela práxis humana: o sentido que emerge espontaneamente do entrelaçamento das ações através do qual o homem organiza suas relações com a natureza e com os outros homens.” (*Idem*, 1989:53)

Estas indicações talvez possam explicar porque uma reflexão gnosiocrítica sobre a teoria marxista não podia vir nem dos “companheiros de viagem” do PCF, nem muito menos dos intelectuais comunistas. O “marxismo dos filósofos” é (numa interpretação benévola) filosofia moral; numa interpretação crítica, filosofia da história (por certo, da liberdade, não da necessidade) mas em nenhum caso uma crítica da consciência ou uma epistemologia. (*Idem*:1989:53).

Neste contexto político e cultural do marxismo na França, os trabalhos de Althusser e seus discípulos representam uma crítica e uma “filosofia do não” – referência a uma das principais obras de Gaston Bachelard. Uma “filosofia do não” em uma dupla direção:

- 1) Era um projeto que se propunha não somente transformar em profundidade a “ideologia francesa”, tal como Marx e Engels tinham feito com a “ideologia alemã”, mas também reformar ou, antes, fundar um marxismo de massa que não fosse mais o repulsivo e estéril “marxismo vulgar”. Althusser, no fundo, queria ser o Lutero do marxismo francês; 2) Desta vez, não se trata mais de integrar a filosofia do materialismo histórico numa síntese cultural qualquer, mas de lhe dar o posto de comando, demonstrando sua congruência com as melhores descobertas da epistemologia e das ciências humanas: todo o marxismo, nada senão o marxismo. (*Idem*,1989:53)

Preocupado em apontar os “efeitos de conhecimento” das obras de Althusser e sobre a importância do trabalho de Bachelard para a formulação do marxismo estruturalista, Kallscheuer afirma:

Essas premissas consistem na recomposição “estruturalista” das ciências humanas na França, nos anos 60, e no neo-racionalismo antiidealista e antiempírico da epistemologia histórica de Bachelard. Ambas as premissas são, como veremos, não já condições externas em relação ao marxismo althusseriano, e sim elementos funcionais, internos, de sua problemática, do “trabalho de transformação” da teoria marxista. (*Idem*,1989:54)

Apesar de poder ser interpretada de diferentes maneiras, a tríplice ofensiva althusseriana se daria sob as seguintes formas: 1) intervenção anti-substancialista, no sentido de que o estruturalismo procede da estrutura para o modelo, ou seja, ele reconstrói ou reproduz o dado que pretende submeter à análise; 2) intervenção antiessencialista, que rejeita a ideia de busca de uma essência dos fenômenos, colocando em seu lugar o trabalho de desvendamento de sua matriz estrutural; 3) uma intervenção antiteleológica, ou anti-historicista, na terminologia althusseriana, a qual nega a busca de um *sentido para a ação humana*, bem como rejeita a explicação dos problemas teóricos a partir de sua inclusão no processo histórico, sobretudo na sua gênese.

O autor enfatiza que Althusser é diferente de outros autores pelas estratégias e escolhas teóricas utilizadas na busca de um fundamento consistente para conferir “cientificidade” ao marxismo; e além disso, pelo mesmo motivo, é diferente da “episteme estruturalista francesa” (*Idem*, 1989:58). Mas essa interpretação “estruturalista” criticada por Althusser, pode acarretar indagações epistemológicas para o próprio marxismo. Isso porque, tanto para revolução estruturalista, quanto para o materialismo histórico, a “prática teórica” ainda não possuiria um conceito próprio. (*Idem* 1989:59)

Já por este motivo uma interpretação “estruturalista” de *O capital* deve necessariamente levar a um “descuido”: como vimos, por exemplo, em Foucault, incapaz de pensar a diferença de Marx em relação à economia política clássica. E se a filosofia marxista sempre se “desviou” (como às vezes afirma Althusser, numa linguagem involuntariamente stalinista) para o economicismo ou para o historicismo, isto decorre do fato de que esta filosofia ainda não existe em *O Capital*: “contrariamente a certas aparências, e, em todo caso, contrariamente a toda nossa expectativa, as reflexões metodológicas de Marx em *O Capital* não nos dão nem o conceito desenvolvido do objeto da filosofia marxista, nem o seu conceito explícito”. (*Idem*, 1989:59)

Por fim, não se pode esquecer da influência no debate intelectual francês de dois acontecimentos de dimensão internacional: 1) o movimento de 68 não apenas dos estudantes franceses, caracterizado por vários analistas como uma verdadeira revolução; 2) a Revolução Cultural Chinesa, que se propunha como a crítica ao “revisonismo soviético” pelo aprofundamento da construção socialista nesse país asiático.

3 - Epistemologia

Para contribuir na discussão sobre os termos epistemologia e metodologia, vejamos inicialmente como um Dicionário comum as define:

Epistemologia:

1. Fil. Estudo do conhecimento, o conhecimento científico, sua natureza, seu processo de aquisição, seu alcance e seus limites, e das relações entre o objeto do conhecimento e aquele que o busca; a teoria do conhecimento.
2. Estudo sobre o conhecimento científico, seus diferentes métodos, suas teorias e práticas, sua evolução na história e no desenvolvimento das sociedades; teoria da ciência.

[F.: Do gr. *epistême* = conhecimento]

Metodologia:

1. Conjunto de métodos.
2. Fil. Parte da lógica que trata dos métodos das diferentes ciências.
3. Conjunto de regras para realizar uma pesquisa (metodologia da pesquisa antropológica).¹

Como se pode ver, enquanto a epistemologia levanta um conjunto de questões mais amplas sobre o conhecimento – sua natureza, seu processo, seu alcance, seus limites, incluindo a discussão sobre os métodos -; a metodologia se volta mais especificamente para a análise dos *meios necessários* para se analisar o objeto científico. É por isso que o método pode ser entendido como um “procedimento racional” para se atingir determinado objetivo, tal como apresenta o mesmo Dicionário aqui citado. Em outras palavras, a primeira coloca no foco da investigação o próprio conhecimento enquanto tal, enquanto a segunda estabelece os meios adequados para se aproximar do objeto de conhecimento.

Para Mário Bunge (1985:5), físico e filósofo da ciência argentino, defensor do realismo aplicado, do sistemismo e da filosofia exata, atualmente professor de lógica e metafísica na McGill University de Montreal, a epistemologia ou a filosofia da ciência, é uma área importante da filosofia, conceitual e profissional, que estuda a investigação científica e seu produto, o conhecimento científico. Dessa forma, pode se entender que a epistemologia teria como objeto a própria ciência. Por outro lado, ela seria

¹ <http://www.aulete.com.br/index.php> consultado em 14 de abril de 2019.

também parte de uma disciplina específica: a filosofia. Naturalmente, isso sugere questões polêmicas que não vamos tratar aqui, apenas registramos uma delas: pode haver uma ciência que tenha como objeto a própria ciência? Caso sim, qual seria a sua natureza e sua relação com as demais ciências. De todo modo, nota-se claramente que também Mário Bunge confere um estatuto teórico diferenciado à epistemologia, e não apenas frente a metodologia.

Caso consultemos agora a coletânea *A epistemologia*, com textos de Gaston Bachelard, e organizada por Dominique Lecourt, vamos ver que, curiosamente, o próprio Bachelard não apresenta explicitamente um conceito de epistemologia. Todavia, sugere elementos que poderiam ser considerados como sendo os seus objetos da epistemologia, ou a função da mesma.

Em uma de suas contribuições, Bachelard coloca a importância do que ele chama de ecletismo dos fins e dos meios.² Ele defende que o ecletismo dos meios é admissível para o desenvolvimento de uma *filosofia das ciências*, a qual deve ter por objetivo fazer frente a todas as funções do pensamento científico, levando em conta os diferentes tipos de teoria, além de buscar mensurar o alcance das suas aplicações em processos variados do campo da descoberta, desconsiderando as possíveis incertezas. Ele afirma:

Chegaremos então, para caracterizar a filosofia das ciências, a um pluralismo filosófico que é o único capaz de informar os elementos tão diversos da experiência e da teoria, tão longe de estarem todos ao mesmo nível de maturidade filosófica. Definiremos a filosofia das ciências como uma filosofia dispersa, como uma filosofia distribuída. Inversamente, o pensamento científico aparecer-nos-á como um método de dispersão bem ordenada, como um método de análise muito aguçada, para os diversos filosofemas agrupados demasiado maciçamente nos sistemas filosóficos. (BACHELARD, 2006:27).

² Segundo o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano, que reúne perspectivas de autores de diferentes vertentes teóricas, o ecletismo é a diretriz filosófica que se expressava em escolher, entre as diferentes doutrinas filosóficas, as teses mais reconhecidas, sem se preocupar especificamente com o envolvimento entre elas, e com a sua conexão com os sistemas de origem. (ABBAGNANO, 2007:298).

Vemos aqui que ele se refere a uma *filosofia da ciência*, e não à *epistemologia*. Como vimos acima essa questão é bastante polêmica e não faz parte desse nosso trabalho inicial. Por outro lado, ele se refere ao *método*, sugerindo: 1) uma forma de se organizar (“na dispersão”) o pensamento científico; e, 2) um meio de estudo aprofundado. Nesse caso, essa passagem parece sugerir mais problemas do que respostas, pelo menos em uma primeira leitura.

Sem nos debruçarmos aqui na análise sobre o que é o racionalismo para Bachelard, vejamos outra passagem selecionada por Dominique Lecourt tentando nos aproximar do foco de nosso trabalho:

Uma vez que pretendemos caracterizar o racionalismo no seu poder de aplicação e no seu poder de extensão, torna-se [...] indispensável examinar setores particulares da experiência científica e procurar em que condições esses setores particulares recebem não somente uma autonomia, mas ainda uma autopolêmica, ou seja, um valor de crítica sobre as experiências antigas e um valor de ação sobre as experiências novas. (BACHELARD, 2006:33).

Vemos agora que sua preocupação se volta para a análise de *regiões da prática científica*, levantando uma questão fundamental: essa prática tem de fato uma autonomia em relação às demais práticas sociais – políticas, econômicas, culturais, etc? Ou, de forma mais geral, a ciência é autônoma em relação à sociedade? Mas não se poderia pensar que essa autonomia fosse apenas relativa e não completa? Também não pretendemos responder essas complexas questões, mas simplesmente anuncia-las na medida em que tenham relação com a epistemologia.

É por isso que para Bachelard o racionalismo é uma *filosofia* que não tem começo, isto é, ela faz parte do critério do recomeço. Em suas palavras:

Ele é a consciência de uma ciência retificada, de uma ciência que tem a marca da ação humana, de ação refletida, industriosa, normalizante. O racionalismo só tem de considerar o universo como tema de progresso humano, em termos de progresso de conhecimento.” (BACHELARD, 2006:34).

Para Bachelard, o que determina as regiões do saber científico é a reflexão. Isso é, elas não serão encontradas em uma fenomenologia de primeira apreciação – que como sublinha Abbagnano (2007:511) se limitaria à “descrição daquilo que aparece que tem como objetivo ou projeto essa descrição”. Para melhor entendimento

sobre esse ponto, vale mencionar a crítica do que ele faz, ao afirmar que as ciências físicas são determinadas em uma experimentação numenal, ou pode-se dizer “exata” do fenômeno, e que elas, ao funcionarem dessa maneira, não chegam a superfície dos fenômenos. Estabelecendo um processo de conhecimento pela via de aproximações sucessivas:

As estruturas racionais são mais visíveis numa segunda posição do que numa primeira aproximação; elas recebem verdadeiramente a sua perfectibilidade quando se atingem os modelos experimentais de segunda aproximação ou, pelo menos, quando a lei se designa racionalmente por cima das suas flutuações. [...] O conhecimento de segunda aproximação prova, portanto, que o conhecimento se valoriza. (BACHELARD, 2006:35).

Vemos então que Bachelard coloca como se dá o processo de produção do conhecimento e, através disso, é possível extrair elementos que contribuam para a discussão sobre o que seja a epistemologia, e que vai ser parte do trabalho do jovem Dominique Lecourt.

Na coletânea organizada por Dominique Lecourt, na parte “Conceitos fundamentais do racionalismo aplicado”, no ponto “Uma epistemologia histórica”, Bachelard atribue um papel fundamental ao:

[...] problema da novidade científica no plano genuinamente psicológico, torna-se evidente que o comportamento revolucionário da ciência contemporânea deve reagir profundamente sobre a estrutura do espírito. (BACHELARD, 2006:125).

Exemplificando através da aritmética, Bachelard indica a forma que seria possível entender que essa “pedagogia da razão” deve desfrutar das oportunidades de raciocinar, que deve usufruir das variedades do raciocínio, ou melhor, deve aproveitar das variações do raciocínio. “A razão, uma vez mais, tem de obedecer à ciência”. (BACHELARD, 2006:126).

Em suma, a ciência instrui a razão. A razão tem de obedecer à ciência, à ciência mais evoluída, à ciência que está em evolução. A razão não tem o direito de sobrestimar uma experiência imediata; deve, pelo contrário, harmonizar-se com a experiência mais ricamente estruturada. O imediato deve, em todas as circunstâncias, ceder o passo ao construído. Destouches repete com frequência: se a aritmética, em desenvolvimentos longínquos, se revelasse contraditória, teria de se reformar a razão para eliminar a contradição. (BACHELARD, 2006:126).

Desse modo, a ciência teria o papel fundamental de orientar a busca pela razão, e não o contrário. Isso significa atribuir a ela um elevado estatuto teórico, sem o qual qualquer esforço racional perderia sentido. E cabe ainda à ciência substituir a aceitação do dado “imediatamente” pela construção de seu próprio objeto de investigação. Tal postulada contraria diretamente uma visão empirista do conhecimento que afirma ser o fato imediato o seu objeto, e que talvez bastasse sua “descrição” para se atingir o seu entendimento. Como vimos, Bachelard estabelece uma diferença entre “descrição” e “explicação”, se a fenomenologia se satisfaz com a primeira, a segunda busca atender a segunda exigência.

Em relação à filosofia do conhecimento científico, ela é definida como sendo uma filosofia aberta, analogamente à consciência do espírito científico que é construída no trabalho sobre o desconhecido, constantemente investigando no real as contradições dos conhecimentos anteriores.

Como é possível, então, não ver que uma filosofia que pretende ser verdadeiramente adequada ao pensamento científico, em evolução constante, deve considerar a reação dos conhecimentos científicos sobre a estrutura espiritual? E é por isso que nos defrontamos, desde o início das nossas reflexões sobre o papel de uma filosofia das ciências, com um problema que nos parece mal equacionado quer pelos sábios quer pelos filósofos. É o problema da estrutura e da evolução do espírito. (BACHELARD, 2006:126).

Ao falar agora de “uma filosofia das ciências”, Bachelard recoloca para nós a complexa questão, já mencionada acima, sobre as diferentes formas de se pensar a epistemologia. Como se sabe, os termos variam não apenas de autor para autor, como também no próprio interior da obra de um mesmo autor. As designações mais comuns são: epistemologia, teoria do conhecimento, filosofia das ciências, e, no caso da leitura althusseriana do marxismo – a qual estava vinculado o jovem Lecourt, ainda que com diferenças sobre vários pontos -, o materialismo dialético.

Passemos agora ao livro *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*, de Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete, no qual a epistemologia é entendida como o exercício da permanente vigilância crítica, que garantiria a produção do objeto científico e a demonstração da problemática da pesquisa. Lembrando que a noção de problemática ocupa um lugar fundamental na análise de Bachelard:

Tudo se esclarece se inserirmos o objeto de conhecimento numa problemática, se o assinalarmos num processo discursivo de instrução, ... Acrescente-se que se trata agora de um objeto *interessante*, de um objecto em relação ao qual ainda não se *completou* o processo de objectivação, de um objecto que não se limita a remeter, pura e simplesmente, para um passado incrustado num nome. ... [Pois o] objecto reconhecido e nomeado oculta-lhes o *objecto-a-conhecer*.” Assim, a problemática “se fundamenta, antes de se precisar, numa dúvida específica, numa dúvida *especificada pelo objecto a conhecer*” (BACHELARD, 2006:134-135).

Outro fator relevante destacado pelos três autores é que como a epistemologia opera em forma de retificação, ela pode exercer a função de ruptura dos objetos do senso comum, e estabelecer, em última instância, as normas da produção e de explicação dos fatos, além de compreender e validar as teorias. Ademais, ela demonstraria as regras para transformar o objeto científico e fazer a crítica aos seus fundamentos.

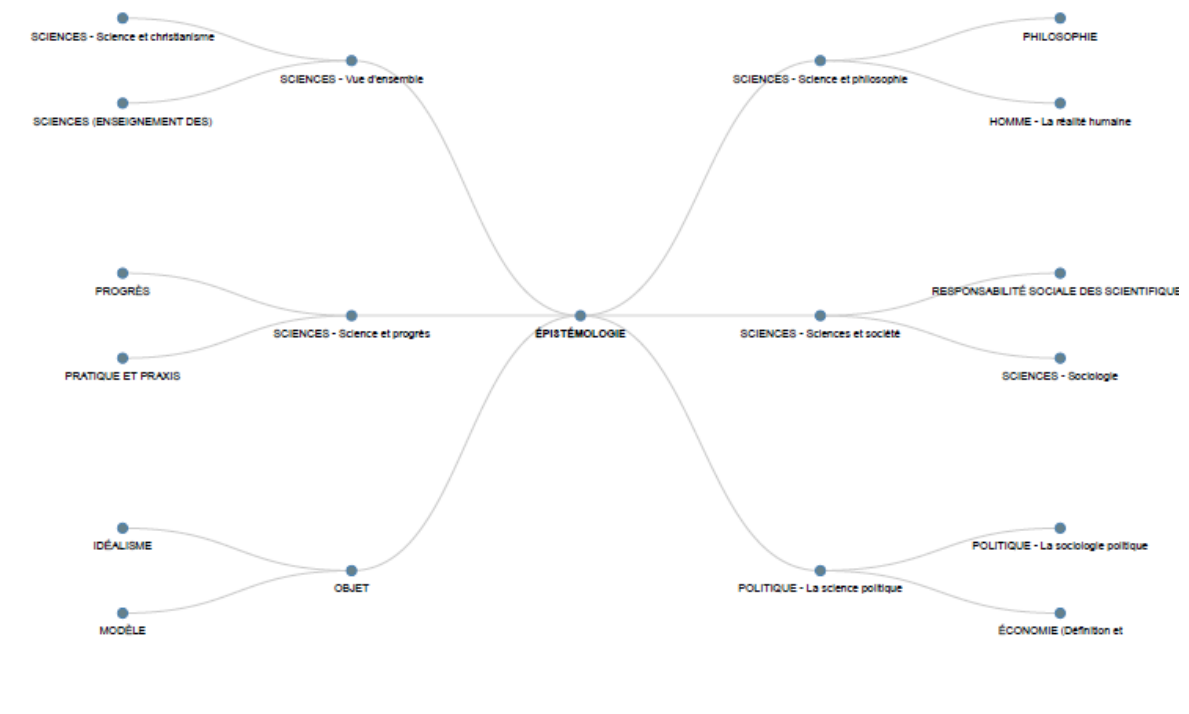
Em função disso, os autores sugerem que a epistemologia poderia ser entendida enquanto uma “metaciência”, ou seja, como um campo do saber que tem por objeto a própria ciência, a reflexão sobre os seus princípios, os seus fundamentos e a sua validade. Desse modo, eles afirmam que:

A epistemologia, de qualquer modo que seja definida, coloca, de certa maneira, que uma ciência da ciência é possível. Mas isso não significa absolutamente que essa “metaciência” tenda para uma compressão absoluta das ciências; deve-se antes dizer que um certo saber ligado à produção científica torna-se possível a partir da reflexão epistemológica (BRUYNE *et al*, 1991:41).

Vemos aqui que eles se referem a “um certo saber ligado à produção científica”, que seria o resultado da “reflexão epistemológica”. O que, de certa forma, minimiza um pouco a ideia de uma “metaciência”, sem, porém, descartá-la.

A figura abaixo, feita pela *Encyclopedia Universalis France*, pode contribuir para a visualização dessa tese ao colocar a epistemologia no centro de todas as ciências:

ÉPISTÉMOLOGIE



© 2018, Encyclopædia Universalis France. Tous droits de propriété industrielle et intellectuelle réservés.

Esse rico debate ocorrido na França dos anos sessenta e setenta, também está presente na obra comum de Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron, intitulada a *A profissão de sociólogo (1991)*, que apesar de seu título, está longe de ser um trabalho voltado apenas para a sociologia, e que seria a primeira parte de um projeto maior, infelizmente não completado – como informam os autores na introdução.

Nesse trabalho Bourdieu e demais colegas (1991:12) tratam da própria prática sociológica, ou seja o “ofício” do sociólogo; procurando refletir sobre a sua sistematização apoiando-se no *princípio da vigilância epistemológica* – apoiando igualmente em Bachelard; que ajudaria a definir a função e as condições em que são aplicadas as representações teóricas, as quais têm a responsabilidade de recorrer à sociologia para construir seu objeto, sem ter como propósito defender uma teoria acabada do conhecimento e, muito menos, uma “teoria geral” e “universal do sistema social” (p.13); mas sim de indicar as ferramentas de pesquisa – conceitos ou métodos

– para a construção de um objeto dotado de coerência teórica. Ou seja, os autores indicam uma vigilância epistemológica em oposição às aplicações fáceis e automáticas de procedimentos que já passaram por uma primeira experiência.

Para isso, os autores fazem a diferenciação entre os termos – que é o objeto de nosso trabalho -, sempre buscando desfazer a ideia de que “o saber sociológico possa aparecer como uma soma de técnicas ou como um capital de conceitos, separados ou separáveis de sua utilização na pesquisa” (BOURDIEU et al, 1991:13).

Como mostra toda a obra de Gaston Bachelard, a epistemologia distingue-se de uma metodologia abstrata por se esforçar em apreender a lógica do erro para construir a lógica da descoberta da verdade como polêmica contra o erro e como esforço para submeter as verdades próximas da ciências e os métodos que ela utiliza a uma retificação metódica e permanente. (BOURDIEU et al, 1991:12)

Nesse sentido, pode-se afirmar que há pontos em comum envolvendo tanto os autores franceses, como os belgas: 1) a necessidade de se analisar teoricamente a diferença entre epistemologia e metodologia; 2) a proposta de uma classificação que coloca em primeiro lugar a epistemologia, que orientaria o processo de escolha e definição da metodologia na realização da pesquisa.

Passemos agora à referência a algumas contribuições de Dominique Lecourt sobre esse problema, analisando alguns pontos de sua obra de juventude *Para uma crítica da epistemologia*, de 1971. Como informa o título, o jovem Lecourt estava interessado em desenvolver uma *crítica* à epistemologia da época, e vai tentar fazer isso analisando três autores: Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Michel Foucault, especialmente o seu livro *A arqueologia do saber*. É preciso informar que o livro é na verdade a reunião de artigos que haviam sido publicados separadamente, o que vai influenciar na sua construção enquanto conjunto; além de lembrarmos que vamos mencionar aqui apenas os pontos relacionados com o nosso objeto, epistemologia e metodologia.

Na Introdução do livro, Lecourt procura especificar qual é a epistemologia que deve ser criticada. Mencionando a Universidade de Yale e a Academia de Ciências de Moscou, na antiga União Soviética, ele afirma que “apesar das distinções internas”, haveria um fundo comum “positivista”, na “tentativa de elaboração duma “ciência da ciência””:

Quer se faça da epistemologia uma espécie de “encruzilhada”, onde uma série de disciplinas heteróclitas com pretensão científica vêm julgar os seus conceitos discordantes, a fim de constituir uma teoria geral da ciência, ou se encarregue uma ciência particular de fornecer as categorias, o pressuposto filosófico do projeto é o mesmo, e é o que nos leva a qualificar estas tentativas de “positivistas”. Ora, de facto, este pressuposto comum não encontraria melhor expressão que no slogan: “É possível uma ciência da ciência (LECOURT, 1980:9-10).

E logo a seguir, ele acrescenta:

Dizer que uma ciência da ciência é possível significa, além disso, afirmar, que a “ciência” pode revelar, pela simples reflexão sobre si própria, as leis da sua constituição, isto é, do seu funcionamento e formação (*Idem*, 1980,11).

Ora, se ele descarta a possibilidade de conceber a epistemologia como uma “ciência da ciência”, o que propõe enquanto projeto teórico. No final da Introdução, ele indica a possibilidade de uma “história das ciências como região relativamente autónoma da ciência da história” (*Idem*, 1980:17). Desse modo, uma outra indagação se impõe na nossa lista de questões para uma futura agenda de pesquisa: a despeito de seu discurso, consegue o jovem Lecourt operar menos no campo dessa “epistemologia”, e mais no campo da história das ciências? A primeira impressão é que isso não é tão fácil. Vejamos de forma sintética.

Ao analisar a obra de Bachelard, criticando os elementos que não seriam compatíveis com o marxismo, Lecourt destaca, com razão, o “primeiro conceito construído, o que sustém o edifício”: o de *obstáculo epistemológico* – que “preenche a ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico e restabelece a continuidade ameaçada pelo progresso do conhecimento científico” (*Idem*, 1980:26). Aqui, há uma questão bem colocada por Dominique Lecourt, mas que não iremos nos deter a ela: porque se formam e reformam constantemente esses obstáculos? É nesse ponto, em particular, que Lecourt encontra os limites de Bachelard, a despeito dos seus méritos.

Em seguida, ao analisar a polêmica de Bachelard contra as “técnicas filosóficas do conhecimento”, Lecourt conclui que isso “impõe a rectificação da categoria filosófica da experiência pela justa apreciação da função dos instrumentos na produção dos conceitos científicos”, especificando que se trataria “não só [da] produção “teórica” de conceitos, mas, indissociavelmente, [da] produção material do

objeto teórico, do que já não se pode designar por “dado”, mas por “matéria”.” (*Idem*, 1980:28)

Já no ensaio seguinte, dedicado a Canguilhem ele diz:

Parece-nos que, actualmente, o materialismo histórico, desembaraçado da influência neo-hegeliana, pode voltar-se para [a] epistemologia da história das ciências e, rectificando, se preciso, os seus próprios conceitos, enriquecer essas duas disciplinas com os frutos da recente atualização. Mais precisamente: chegou a altura em que a epistemologia e a história das ciências vão encontrar o seu lugar no campo da ciência da história” (*Idem*, 1980:56).

Como se vê, ele não apenas recupera o termo “epistemologia”, como também designa o seu lugar na “ciência da história”, que era a expressão usada pelos althusserianos para designar o materialismo histórico. E ainda nesse mesmo ensaio, ele vai destacar o que chama de “proposições epistemológicas” com base na sua análise sobre a obra de Canguilhem: 1) “A história da ciência não é uma crónica” apoiada sobre um suposto “tempo linear e homogêneo”; 2) “a história das ciências não é o relato da sucessão de acasos” (p.60-ss). E no final do ensaio, ele explica a sua análise sobre o trabalho de Canguilhem: “é a **unidade** que institui entre a história das ciências e a epistemologia que o aproxima do materialismo histórico e do materialismo dialéctico” (*Idem*, 1980:80).

E também no último ensaio dedicado a Foucault, Lecourt oferece um conjunto de formulações que parecem se situar também no campo da epistemologia, mesmo que registre a parcial ausência do termo **episteme** em *A arqueologia do saber*, tais como as relacionadas com o “sujeito”, o “objeto”, “a instância do saber”, o “discurso como “prática””, e a ideologia. Ou seja, tudo isso sugere que Lecourt não está apenas tentando desenvolver uma história materialista da ciência, como também indicar a possibilidade de uma epistemologia marxista.

4 – O que é Metodologia?

O que é a metodologia segundo o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano? O termo é apresentado em quatro pontos diferentes: como lógica ou como parte da lógica que estuda os métodos; como lógica transcendental aplicada; como conjunto de procedimentos metódicos de uma ou mais ciências; e como a análise filosófica de tais procedimentos.

A priori, a lógica foi interpretada enquanto metodologia na fase pós-cartesiana, por isso a metodologia foi considerada como sendo uma parte da lógica. Além disso, na visão de Kant, a metodologia foi compreendida como lógica transcendental aplicada ou “prática”, com o objetivo de determinar as condições formais de um sistema completo da razão pura. A terceira definição de metodologia está atrelada ao conjunto de procedimentos técnicos de averiguação ou verificação, à disposição de determinada disciplina ou grupo de disciplinas, isto é, a metodologia é produzida no interior de uma disciplina científica ou de um conjunto de disciplinas, e seu objetivo é apenas garantir às disciplinas a utilização efetiva das técnicas de procedimentos disponibilizados. Por último, a metodologia é uma disciplina filosófica parcialmente autônoma e designada a analisar as técnicas de investigação utilizadas em uma ou mais ciências. Ainda em relação a última definição, o Dicionário ressalta a diferença entre metodologia e métodos.

Nesse sentido, não são objetos da metodologia os “métodos” das ciências, ou seja, as classificações amplas e aproximativas (análise, síntese, indução, dedução, experimentação, etc), nas quais se inserem as técnicas da pesquisa científica, mas tão somente essas técnicas, consideradas em suas estruturas específicas e nas condições que possibilitam o seu uso. (ABBAGNANO, 2007:669).

Essas especificações teóricas recolocam em cena o difícil problema da relação entre epistemologia e metodologia, pois Abbagnano inclui não apenas os procedimentos da pesquisa científica, como também a discussão sobre a lógica, transcendental ou não. E mesmo que ele a relacione com as técnicas de pesquisa, atribui a ela o estatuto de uma disciplina filosófica, indo além de uma interpretação puramente instrumental.

Por sua vez, Bourdieu e colegas, além de assinalarem a diferença existente entre métodos e técnicas de pesquisa³, apoiando-se em Abraham Kaplan, não deixam dúvida sobre a primazia da epistemologia sobre a metodologia. Primeiro, citando Auguste Comte, eles corroboram a sua tese de que o “objetivo essencial do método” é formar “um bom sistema de hábitos intelectuais” que contribuam com o trabalho do pesquisador; segundo ao apresentar como “tarefa epistemológica” o desafio de

[...] descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro” (Bourdieu *et al*, 1999:15 e 17).

Não temos aqui a pretensão de fechar o debate sobre essas questões. Ao contrário, nosso propósito é retomar o debate para contribuir com o seu desenvolvimento e aprofundamento. Nesse sentido, a título de exemplo, vale lembrar a rica discussão sobre o método no interior da teoria marxista e da obra do próprio Marx.

Em sua *Introdução ao estudo do método de Marx*, José Paulo Netto, defende que Marx formulou um método. “É, pois, ao fim de quase 15 anos de pesquisa que ele escreve, entre agosto e setembro de 1857, a célebre “Introdução”, onde a sua concepção teórico-metodológica surge nítida” (NETTO, 2011:36). Por outro lado, há autores como Helmut Reichelt que defendem a possibilidade de que o próprio Marx teria trabalhado para ocultar o seu método, afirmando que ele “contribuiu de modo significativo para desviar o acesso ao método e à sua relação com os processos reais”. (REICHELDT, 2011:68). E isso em um artigo exatamente intitulado “Que método Marx ocultou?”. O que revela que essa discussão é atual e necessária não só para o marxismo.

³ Os métodos seriam diferentes das técnicas pois são “bastante gerais para terem valor em todas as ciências ou em uma parte importante delas” (Kaplan, Apud Bourdieu,1999:11).

4 - A título de conclusão

As referências anteriores nos mostram que há uma diferença entre epistemologia e metodologia. A epistemologia pode ser entendida como metaciência, ciência da ciência, filosofia da ciência, teoria do conhecimento, ou materialismo dialético – como no caso de Althusser em *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. Além disso, como reflexo de sua amplitude, pode ter como objeto de estudo o conhecimento científico, seu fundamento, sua abrangência, seu processo de formação e seus limites; a ciência; o *fato* construído; as relações entre sujeito e objeto; a reflexão dos princípios do saber que possibilitam uma prática constante da *vigilância epistemológica* – noção desenvolvida por Bachelard - que proporciona a produção teórica do objeto científico e a explicitação do conjunto de problemas que suscitam qualquer pesquisa científica.

Sem levar em consideração suas variadas definições como parte da lógica estudada ao longo do tempo, algumas das quais já foram expostas neste trabalho, a metodologia pode ser compreendida, resumidamente, enquanto conjunto de sistemas, regras, ou métodos para se realizar uma pesquisa científica. O objetivo da metodologia está inscrito no estudo dos *meios* e dos *procedimentos* científicos.

Assim, percebemos que é a epistemologia que estabelece os parâmetros mais amplos e gerais de definição dos métodos do conhecimento. Em outras palavras, o conjunto de métodos estão em função da “*metaciência*”, subordinados a determinada concepção epistemológica. Além disso, não há dúvidas de que a epistemologia e a metodologia são importantes para o desenvolvimento da ciência. No entanto, com base no que vimos, podemos concluir que há uma provável relação de primazia da epistemologia sobre a metodologia, a qual nos leva a entender que para desenvolver qualquer pesquisa é imprescindível que haja um conjunto de procedimentos para se investigar o grau de cientificidade dos métodos, através da análise mais aprofundada possível sobre o seu conteúdo específico.

Vimos que Gaston Bachelard é uma referência fundamental no campo epistemológico, trazendo inúmeras contribuições para o desenvolvimento teórico não apenas da epistemologia em geral, como também para a formulação do marxismo

estruturalista. Embora esta discussão não tenha sido completamente desenvolvida por Althusser. Também vimos que em *Para uma crítica da epistemologia*, o jovem Dominique Lecourt, tenta desenvolver extraindo contribuições de uma leitura materialista de Gaston Bachelard, Georges Camguilhem e Michel Foucault.

As formulações teóricas sobre um método marxista, em sentido amplo, estão longes de serem resolvidas e, como vimos, este debate é para diferentes autores objeto de longa discussão. E que não pode ser considerado terminado, pois a ciência sempre está e estará *em vias de se fazer*. No entanto, para “encerrar” essas considerações iniciais com mais um problema aberto ao debate, a indistinção terminológica entre epistemologia e metodologia, e a preocupação maior centrada apenas na metodologia marxista, nos parece indicar o surgimento de um *obstáculo epistemológico* – utilizando-se da noção de Bachelard - para o desenvolvimento da pesquisa sobre a epistemologia marxista. Portanto, se há uma diferença e uma relação entre epistemologia e metodologia, como mostram claramente Bourdieu e colegas, e demais autores, se há uma ampla discussão sobre a metodologia, e se a epistemologia aparece como sendo pouco discutida no âmbito marxista, ao indicarmos desde o início a primazia da primeira sobre a segunda, pensamos que esse esforço inicial pode ajudar a mostrar a importância de se aprimorar e aprofundar a discussão teórica de dois conceitos importantes que suscitem diversos problemas que ainda estão a espera de serem resolvidos no âmbito científico.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola (2007). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes.

AULETE, Caldas. Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: *Dicionário Caldas Aulete*, versão online, acessado em 14 de abril de 2019.

BACHELARD, Gaston (2006). *A Epistemologia*. Org: Dominique Lecourt. Trad. Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa, Edições 70.⁴

BRUYNE, Paul et al (1991). Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. *Os pólos da prática metodológica*. Francisco Alves Editora.

BUNGE, Mário (1980). *Epistemologia*. São Paulo, T.A. Queiroz Editora, Edusp.

BOURDIEU, Pierre *et al* (1991). A profissão de sociólogo – *preliminares epistemológicas*. Petrópolis, Editora Vozes.

LECOURT, Dominique (1980). *Para uma crítica da epistemologia*. 2ª. Edição, Lisboa, Editora Assírioalvim.

KALLSCHEUER, Otto (1989). “Marxismo e teorias do conhecimento”, *in* Hobsbawm, Eric J. (Org.) *História do marxismo* XII. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, pp.13-102.

NETTO, José Paulo (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 1ª. Edição.

REICHELTL, Helmut (2011). “Que método Marx ocultou?”, *in Crítica Marxista*, n.33. São Paulo, Fundação Editora Unesp.

⁴ Para efeitos de informação, é preciso dizer que se trata de uma coletânea organizada por Dominique Lecourt que, curiosamente, a edição portuguesa subtraiu essa informação.